

---

*Carlos Torres Gonçalves e o belicismo:  
os conflitos internacionais do século XX  
na visão de um positivista ortodoxo gaúcho*

*Paulo Pezat\**

---

**Resumo:** O engenheiro civil Carlos Torres Gonçalves (1875-1974) foi um dos mais destacados seguidores brasileiros da Religião da Humanidade, forma ortodoxa assumida pelo pensamento de Auguste Comte. Na condição de funcionário público do governo do Estado do Rio Grande do Sul e de responsável pela Diretoria de Terras e Colonização, deixou marcas profundas na colonização da região norte do Estado. Após sua aposentadoria, em 1935, e até a véspera de sua morte, quatro décadas depois, Torres Gonçalves publicou uma série de artigos de jornal e de folhetos acerca da situação política internacional. Tentando interpretar os acontecimentos a partir da ótica de Auguste Comte, Torres Gonçalves acompanhou os eventos marcantes da Primeira Guerra Mundial, do período de entreguerras, da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, sempre contestando a militarização das relações entre as nações.

**Palavras-chave:** Positivismismo, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria.

**Abstract:** The Civil Engineer Carlos Torres Gonçalves (1875-1974) was one of the most prominent Brazilian followers of the Religion of Humanity, an orthodox form assumed by the thoughts of Auguste Comte. As a civil servant of the government of the State of Rio Grande do Sul and in charge of the Management of Land and Colonization, he has left deep traces in the colonization of the northern part of the state. After his retirement in 1935 and until just before his death, four decades later, Torres Gonçalves published a number of newspaper articles and leaflets on the international political situation. By trying to interpret the facts from the viewpoint of Auguste Comte, Torres Gonçalves followed the most outstanding events of the First World War, of the period in-between wars, of the Second World War and Cold War, always contesting the militarization of the relations among nations.

**Key words:** Positivism, Second World War, Cold War.

---

\* Trabalho apresentado originalmente na mesa-redonda "As ciências humanas e a violência: abordagens, perspectivas e debates".

\*\* Professor Titular no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

O propósito do presente artigo é mapear a forma como a filosofia positivista da história foi recebida e interpretada por Carlos Torres Gonçalves (1875-1974), engenheiro civil gaúcho que, em decorrência dessa influência, publicou diversos textos acerca do panorama político internacional ao longo das sete primeiras décadas do século XX, sempre procurando manter-se fiel aos postulados de Auguste Comte. Em particular, me deterei aqui na abordagem dos escritos de Torres Gonçalves acerca dos dois conflitos mundiais e do período que os mediou, apenas perifericamente referindo os escritos posteriores, produzidos durante a Guerra Fria, quando o positivista gaúcho já se encontrava em idade avançada. (PEZAT, 2003, p. 445-506).

Torres Gonçalves nasceu na cidade de Rio Grande, em 1875, lá realizando seus primeiros estudos. Após o suicídio do pai, um médio comerciante, ocorrido em 1886, transferiu-se com a mãe e os quatro irmãos para São Leopoldo, onde passou a estudar em escola dos jesuítas.

Dois dos irmãos de Carlos Torres Gonçalves, Joaquim e Luís, passaram a receber a influência das idéias positivistas no momento da proclamação da República, quando estudavam na Escola Militar do Rio de Janeiro, cenário das conspirações que deram sustentação às movimentações de tropas ocorridas em 15 de novembro de 1889 na capital federal. Durante a Revolução Federalista (1893-95), Joaquim e Luís Torres Gonçalves retornaram ao Sul do País e apoiaram a dissidência republicana promovida por Demétrio Ribeiro contra a liderança de Júlio de Castilhos sobre o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR).

Quanto a Carlos Torres Gonçalves, nesta época encontrava-se em Ouro Preto, onde começou a estudar engenharia após concluir seus estudos elementares em São Leopoldo. No ano do término do conflito que dividiu politicamente o Rio Grande do Sul, Carlos Torres Gonçalves transferiu-se para o Rio de Janeiro, passando a estudar na Escola Politécnica, onde se formou em Engenharia Civil no ano de 1898. Nesse período em que viveu no Rio de Janeiro, levado por colegas, Carlos Torres Gonçalves começou a freqüentar a Igreja Positivista do Brasil (IPB), passando a simpatizar com a vertente ortodoxa do pensamento de Auguste Comte.

De volta ao Rio Grande do Sul, em 1899 Carlos Torres Gonçalves ingressou, mediante concurso público, nos quadros da Secretaria de Estado das Obras Públicas, na qual desenvolveu toda a sua vida profissional até a aposentadoria, em 1935. Nesse órgão do serviço público, Torres Gonçalves destacou-se como responsável pela Diretoria

de Terras e Colonização, cuja direção exerceu entre 1908 e 1928, ocasião em que desenvolveu diversos projetos na colonização na Região Norte do Rio Grande do Sul e implementou as políticas governamentais relativamente aos indígenas e à preservação das matas e das nascentes dos rios. Na condição de funcionário público, Torres Gonçalves caracterizou-se pelas tentativas reiteradas de implementar políticas públicas inspiradas pelo ideário positivista. (PEZAT, 1997, p. 342-396).

Paralelamente às suas atividades profissionais, Carlos Torres Gonçalves destacou-se como um dos mais fervorosos adeptos da religião fundada por Auguste Comte. Sua adesão formal à Igreja Positivista do Brasil ocorreu em 10 de maio de 1903, sendo ele o último confrade a ser aceito pessoalmente por Miguel Lemos, fundador daquela agremiação religiosa e que se retirou da direção no dia seguinte, transferindo tal atribuição ao vice-diretor Raymundo Teixeira Mendes. Ainda naquele ano, Carlos Torres Gonçalves casou-se com Dagmar Flores Pereira da Cunha, sendo este o primeiro dos três únicos casamentos positivistas realizados no Rio Grande do Sul. Nos anos seguintes o casal teve seis filhos, criados e educados de acordo com os preceitos positivistas. Aliás, o propósito de moldar seu núcleo familiar de acordo com os preceitos positivistas já ficava evidente na própria escolha da noiva, visto que Comte entendia que o casamento ideal deveria reunir um homem com 28 anos de idade e uma mulher com 21 anos, justamente as idades que Carlos e Dagmar tinham em 1903.

Na condição de propagandista da vertente religiosa do positivismo, Torres Gonçalves também se destacou pela iniciativa de construção da Capela Positivista de Porto Alegre, um dos raros templos erigidos com o propósito de servir de local de culto da Religião da Humanidade. (LEAL; PEZAT, 1996, p. 4-8). Ao longo das três primeiras décadas do século XX, Torres Gonçalves escreveu e editou diversos folhetos acerca das atividades de propaganda do positivismo religioso que desenvolvia em Porto Alegre juntamente com alguns poucos confrades da IPB, dentre os quais se destacavam Joaquim José Felizardo Júnior (1870-1906) e João Luís de Faria Santos (1855-1936). Os textos desses folhetos também faziam referência à situação política estadual, revelando um acordo implícito entre positivistas ortodoxos (membros da IPB) e positivistas heterodoxos (adeptos do PRR). Porém, nas primeiras décadas do século XX as intervenções públicas de Torres Gonçalves restringiam-se aos limites regionais, excepcionalmente sendo tecidas considerações sobre as conjunturas políticas nacional e internacional.

## A Primeira Guerra Mundial na perspectiva de Torres Gonçalves

O resguardo de Torres Gonçalves em abordar temas de âmbito nacional ou internacional decorria do fato de que ele mantinha estrita obediência aos apóstolos Miguel Lemos e Teixeira Mendes, respectivamente diretor e vice-diretor da IPB, autores de inúmeros artigos e folhetos através dos quais participaram dos debates públicos relevantes ocorridos entre o fim do século XIX e o início do século XX. Assim, inicialmente, Torres Gonçalves limitou-se a secundar as opiniões expressas por seus “diretores espirituais”, promovendo a distribuição em Porto Alegre e no interior do Rio Grande do Sul desses textos editados pela IPB.<sup>1</sup>

Em particular, o jornal *A Federação*, órgão do PRR, costumava reproduzir em suas páginas os folhetos editados pela IPB, sendo depois seguido por jornais republicanos impressos no interior do Estado, como o *Diário do Rio Grande* (Rio Grande) e o *Diário Popular* (Pelotas).

Antes mesmo da eclosão da Primeira Guerra Mundial, anteendo o conflito iminente, Teixeira Mendes fez diversos apelos para que os governos e os povos europeus não se deixassem arrastar a um conflito “fratricida”. Entre 1914 e 1920, a IPB editou 18 apelos pela paz, muitos deles em língua francesa, demonstrando a intenção de participar dos debates em âmbito mundial.<sup>2</sup>

Porém, mesmo não sendo o protagonista, apenas secundando as opiniões expressas pelos diretores da IPB, Torres Gonçalves não deixou de apresentar algumas observações feitas de próprio punho. Desse modo, em 1917, quando publicou a *Notícia da propaganda positivista no Estado do Rio Grande do Sul (anos de 1914 e 1915)*, após relacionar os folhetos editados pela IPB que haviam sido reproduzidos pelo *Correio do Povo* ou por *A Federação*, Torres Gonçalves (1917) acrescentou as seguintes considerações acerca do conflito que estava em curso na Europa:

O [...] martírio que suporta neste momento a República Ocidental, especialmente no seu núcleo original, isto é, europeu, constitui tremenda lição para os extravios da política contemporânea. Porque o horrível dilaceramento fratricida que a vítima representa ainda, no fundo, a luta de duas civilizações: de um lado, a civilização militar; [...] que o materialismo científico pretende reviver mediante as excitações dos diferentes egoísmos, desde a cobiça ao orgulho e à vaidade; de outro lado, a civilização moderna, pacífico-industrial, baseada no Amor, isto é, na

fraternidade universal, na poesia, na indústria e na ciência, evoluindo sempre, embora segundo uma marcha empírica, em todos os países ocidentais, mesmo naqueles que, na crise atual, parecem mais afastados dela. E se os ensinamentos da política científica houvessem já prevalecido suficientemente, [...] não estaríamos assistindo à catástrofe social que hoje nos infelicit. (p. 9-10).

Embora a noção de pátria fosse importante para os positivistas ortodoxos, que a percebiam como um grau intermediário na ligação entre a família e a humanidade, as palavras de Torres Gonçalves são indicativas do antinacionalismo próprio dos adeptos da religião fundada por Auguste Comte, que percebiam neste sentimento uma forma de manifestação do egoísmo. É nesse sentido que deve ser compreendida a referência feita à “República Ocidental”, que abrangeria o conjunto das nações européias e suas ex-colônias americanas, conforme Comte.

De outra parte, ao mencionar a “luta de duas civilizações”, Torres Gonçalves fazia alusão à filosofia positivista da história, sendo que a Alemanha representaria o “materialismo científico” baseado no “egoísmo”, enquanto as nações agredidas e aquelas que defendiam a retomada da paz estariam de acordo com os princípios da “civilização moderna, pacífico-industrial”.<sup>3</sup>

Adiante, no mesmo texto, Torres Gonçalves (1917) passou a vislumbrar a forma como se poderia pôr termo ao conflito europeu e evitar que outras guerras se repetissem no futuro:

Urge [...] que a França, assumindo em toda a plenitude o papel que os antecedentes lhe confiaram na direção dos negócios humanos, inaugure, afinal, essa política de Amor, de previsão, de subordinação às leis naturais, segundo os ensinamentos de Augusto Comte, pois é este o meio único de tornar para sempre impossível a repetição [...] do pungentíssimo espetáculo que se desenrola a nossos olhos. (p. 10).

Portanto, ao afirmar a “hegemonia espiritual” da França sobre a Europa e sobre o conjunto do Planeta, Torres Gonçalves estava ratificando a idéia de que Paris é a “Meca do Ocidente”, tantas vezes referida por Comte e repetida por Miguel Lemos e por Teixeira Mendes.

Retomando a abordagem do conflito, no dia 2 de maio de 1917, Torres Gonçalves e Faria Santos publicaram n’*A Federação* um manifesto

intitulado “Pela ordem e a fraternidade”. No mês anterior um submarino alemão havia afundado diversos navios brasileiros, fazendo com que o País abandonasse a posição de neutralidade até então adotada. Desse modo, os positivistas gaúchos argumentaram:

[...] dados os resultados já atingidos pela civilização moderna, nenhum país ocidental pode mais alhear-se da luta fratricida entre os outros, sob pena de co-responsabilidade. Cumpre, em cada caso, procurar o promotor ou promotores da luta, para tomar o partido do país atacado. E a condenação do agressor deve ser tanto mais enérgica quanto mais elevada for a sua hierarquia entre as demais nações. Tal é o desfecho da evolução social, elevando a fraternidade, da simples Família aos cidadãos da mesma Pátria, para enfim estendê-la à totalidade das pátrias. (A FEDERAÇÃO, 1917, p. 1).

No entender dos subscritores do manifesto, o Brasil deveria ter abandonado a posição de neutralidade desde o início do conflito, logo que a Alemanha atacou a Bélgica, ficando ao lado do país agredido. Entretanto, a ação militar deveria se dirigir apenas contra os governantes do país agressor e não contra o povo deste.

Adiante, no mesmo manifesto, Torres Gonçalves e Faria Santos prognosticaram o encerramento da Primeira Guerra Mundial com o congraçamento entre as nações em conflito. Entendiam eles que a expansão da doutrina formulada por Auguste Comte permitiria que os alemães percebessem o equívoco em que haviam incorrido:

A guerra terminará em breve. E, sem ser necessária a transformação da natureza humana em natureza seráfica, não tardará muito para que, por fim, os povos realizem a sua confraternização definitiva. [...] A verdade é que para o triunfo definitivo da fraternidade basta um conhecimento da Política científica muito menos vulgarizado do que já o é hoje, por exemplo, o das leis da mecânica. Não alimentemos, pois, paixões, nem excitemos ódios. Auxiliemos, sim, as populações alemãs de toda a parte mediante uma conduta nossa enérgica e firme, porém fraterna, feita antes de piedade, a saírem da funesta ilusão a que as induziram os seus dirigentes, a fim de que elas voltem a colaborar, o mais cedo possível, no problema incomparável da confraternização dos povos, reatando as tradições dos seus melhores antepassados. (A FEDERAÇÃO, 1917, p. 1).

Na afirmação dos adeptos gaúchos da Religião da Humanidade é interessante observar o paralelo feito entre a “política científica” e as “leis da mecânica”, explicitando assim a equiparação feita pelos positivistas entre os princípios da sociologia e os da física (não por acaso, inicialmente Comte chamou a sociologia de “física social”).

Os positivistas religiosos não se entusiasmaram com as condições em que a Primeira Guerra Mundial chegou ao fim, em novembro de 1918, pois o término do conflito teria sido motivado mais pela queda do regime imperial alemão do que pela aceitação das propostas políticas concebidas por Auguste Comte.

### **Torres Gonçalves, o imperialismo e o totalitarismo do período de entreguerras**

Os termos do Tratado de Versailes criaram uma paz instável, com grande ressentimento por parte da Alemanha, que arcou com toda a responsabilidade pela guerra recém-concluída. A inflação crescente dificultou a consolidação da democracia recém-surgida no País. Na década de 20, com a criação de partidos comunistas (de diferentes matizes) e de partidos fascistas em vários países europeus, ocorreu uma radicalização das posições políticas. Outro dado característico do período foi a expansão do anti-semitismo pela Europa.

Os positivistas ortodoxos brasileiros acompanharam com atenção o curso dos acontecimentos no continente europeu. Através de Teixeira Mendes, a IPB manifestou-se em diversas oportunidades sobre a fragilidade da ordem mundial construída após 1918. De sua parte, Torres Gonçalves quase não escreveu acerca das relações internacionais ao longo dos anos seguintes ao término da Primeira Guerra Mundial. No período em questão, voltou sua atenção prioritariamente às conturbadas situações internas do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Com a morte de Teixeira Mendes, em 1927, os positivistas religiosos brasileiros perderam seu principal guia na interpretação do processo histórico à luz da filosofia comtiana. A partir de então, com a extinção do *apostolado positivista brasileiro* – concentrado nas atividades de Lemos e de Mendes – os folhetos publicados pelos confrades da IPB continham a observação de que o ponto de vista exposto era pessoal, e não, institucional.

Após sua aposentadoria, ocorrida em 1935, Torres Gonçalves mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, passando a dedicar a maior parte de seus escritos à abordagem da situação política internacional. Em agosto de 1935, diante da ameaça de invadir a Abissínia (região localizada no nordeste da África, nos territórios que atualmente constituem a Etiópia, a Eritreia, o Djibouti e a Somália) feita pelo ditador italiano Benito Mussolini, Torres Gonçalves publicou um folheto intitulado *Pela fraternidade universal: o respeito às nações mais fracas e o sacrifício iminente da Abyssinia*. No manifesto, também reproduzido no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, em sua edição do dia 1º de setembro do mesmo ano, o positivista rio-grandino alertou:

[...] o atentado iminente da Itália contra a Abissínia assume proporções excepcionais, podendo determinar a eclosão dos mais graves acontecimentos, muitíssimos mais ainda do que os do horrível dilaceramento fratricida que vitimou a Terra de 1914 a 1918. Mesmo quando se conseguisse limitar o atentado ao sacrifício da Abissínia – o que ninguém pode assegurar –, ainda assim a gravidade seria enorme. E não se pode sequer pretender compará-lo à inominável agressão recente do Japão contra a República Chinesa, isto é, de um país asiático contra outro país asiático. Porquanto, a gravidade de qualquer falta é proporcional à hierarquia social do agressor, como à do agredido. E o atentado que se anuncia será por uma das nações da vanguarda do Ocidente, a qual se acha mesmo colocada por Augusto Comte, no conserto delas, em segundo lugar, logo após a França. A gravidade, portanto, só poderia ser excedida se a falta fosse da própria França. (GONÇALVES, 1935, p. 2-3).

Nas palavras de Torres Gonçalves, inicialmente chama a atenção a percepção – que não era apenas sua – de que a humanidade se encaminhava para um novo conflito de proporções globais. De outra parte, é interessante perceber a fidelidade do autor do texto à concepção de história formulada por Auguste Comte, segundo a qual caberia à França, auxiliada inicialmente pela Itália e pela Espanha, e posteriormente pela Inglaterra e pela Alemanha, a tarefa de promover a emancipação da humanidade em relação às motivações egoístas.

O folheto de Torres Gonçalves uniu-se a diversos outros apelos feitos em todo o mundo contra a invasão da Abissínia. Porém, todos eles foram inúteis, pois a Itália a ocupou em outubro de 1935. Poucos dias após,

em 9 de novembro, Torres Gonçalves publicou no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, sob o título *Pela fraternidade universal: a propósito da definição recente, pela Liga das Nações, da Itália como país agressor da Abysínia*, um novo manifesto acerca daquela situação, se congratulando com a posição adotada pela maioria dos países que compunham a Liga das Nações no sentido de considerar a Itália como país agressor.

De outra parte, em outubro de 1936, Torres Gonçalves escreveu extensa carta ao líder indiano Mahatma Gandhi. Após relatar que havia iniciado suas “relações espirituais” com ele através da leitura de uma coletânea publicada em espanhol sob o título “La joven Índia”, Torres Gonçalves exprimiu a profunda admiração que mantinha por ele e destacou a existência de inúmeros pontos convergentes entre a política desenvolvida pelo líder indiano e o pensamento de Auguste Comte. Nesse sentido, inicialmente, o positivista brasileiro assinalou a preeminência dada pelo filósofo francês aos aspectos morais para a resolução dos problemas sociais, afirmando ainda que as construções religiosas dos líderes orientais (Confúcio, Buda e Maomé) se assemelhavam aos preceitos defendidos no mundo ocidental pelos santos católicos mais eminentes (São Paulo, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e São Francisco de Assis), todos buscando a concórdia social a partir das “inspirações contínuas do amor”.<sup>4</sup>

Na referida carta, Torres Gonçalves expôs as bases da Religião da Humanidade a Gandhi, destacando a similaridade dessas com os princípios propostos pelo líder indiano. Dentre os pontos convergentes, o engenheiro brasileiro assinalou a proposta de resistência pacífica, a condenação das guerras, dos impérios coloniais e de qualquer forma de violência entre as nações, a defesa das mulheres contra a brutalidade masculina e a denúncia das aberrações da civilização moderna. Em seguida, analisando a conduta política de Gandhi, principalmente o seu princípio de não-cooperação não violenta relativamente aos conquistadores ingleses, Torres Gonçalves afirmou:

Pela primeira vez se viu [...] na Terra grandes massas humanas – sufocados a contragosto os ímpetos de violência – desistirem de reagir como de bruto a bruto, para procederem como homens que conseguiram disciplinar suficientemente o seu egoísmo em relação a outros homens que não o conseguiram, mas aos quais se quer facilitar isso. [...].

A diferença essencial [...] entre vós e o vulgo dos estadistas contemporâneos está em que sois o político moralizado. O reconhecimento disso não importa em recusar moralidade aos outros, mas em constatar que não o possuem nesse elevadíssimo grau que deve ser exigido dos que assumem postos de direção, reclamando que subordinem não somente a Família à Pátria, o que já se verifica [...], mas a subordinação da Pátria à Humanidade, o que é ainda raríssimo, inclusive entre os que pretendem dirigir espiritualmente as sociedades. E é por isso que dissimular, faltar à palavra empenhada, mentir e até espionar, tudo isso é ainda admitido na diplomacia ocidental [...].

Em resumo, o que concebeis e realizais como o dever do estadista é essencialmente o que o Positivismo prescreve aos homens públicos, fundado no conhecimento das leis sociológicas e sobretudo das leis morais. Vosso mérito apanhando, por intuição, tão complexa realidade, patenteia ainda melhor a força cerebral intrínseca de vossos predicados intelectuais, práticos e, sobretudo, morais. (1936).

Na carta a Gandhi, além de criticar a diplomacia da década de 30, incapaz de evitar a invasão dos países militarmente frágeis pelas grandes potências, o engenheiro brasileiro repreendeu a confusão entre os poderes temporal e espiritual que estaria sendo feita pelas nações européias. No entender de Torres Gonçalves, secundando a concepção de Auguste Comte, a separação entre os poderes seria o princípio fundamental da política republicana moderna, impondo o respeito à livre-manifestação das opiniões e às demais liberdades (religiosa, de ensino, de profissões, etc.). Nesse sentido, Torres Gonçalves observou que tais liberdades

[...] estão hoje comprometidas, inclusive as de indústria e de locomoção, e algumas inteiramente anuladas em certos países (Itália, Alemanha, Rússia). Entretanto, constituindo elas condição essencial de bem-estar geral – de ordem e de progresso –, não podem deixar de fazer parte de todo verdadeiro programa de incorporação do proletariado. Por isso é que, não obstante vosso excepcional devotamento pelas camadas menos favorecidas, no empenho de elevá-las, não nos surpreende vossa condenação do bolchevismo, incapaz de assegurar tais liberdades. Também nós condenamos essa fantasia anárquica, contrária à organização humana. (1936).

Após destacar a confluência de opiniões entre o líder indiano e os positivistas acerca do “bolchevismo”, Torres Gonçalves passou a analisar os regimes políticos instalados na Itália e na Alemanha, comparando-os com o sistema de poder soviético:

Se bem que não conheça manifestações vossas em relação aos extremismos intitulados de fascismo, nazismo, etc., acredito que não os condenareis menos. Pois são também formas de intenso despotismo, simultaneamente retrógradas e anárquicas, nacionalistas e militaristas, interessadas na eternização das guerras. E são, por isso, menos suscetíveis de transformações no sentido do futuro do que o chamado comunismo, que, mais anárquico no que respeita às instituições fundamentais da sociedade (propriedade, família, governo, religião), é, entretanto, menos consistente, como apoiando-se nas massas proletárias, onde a verdadeira generosidade é mais freqüente, oferecendo menos resistências ao livre predomínio das leis sociais e morais. Regimes aqueles sobretudo de retrogradação, externa e internamente, engendrados por grosseiros charlatães políticos, superexcitados por exorbitante exaltação da personalidade; jamais integrarão em si o problema da incorporação do proletariado, limitando-se às concessões inevitáveis. (1936).

Portanto, apesar do maior respeito do fascismo italiano e do nazismo alemão pelas “instituições fundamentais da sociedade”, na opinião de Torres Gonçalves o regime comunista em vigor na União Soviética seria preferível àqueles sistemas políticos, pois teria bases morais e sociais mais sólidas ao se assentar no proletariado. Desse modo, o positivista gaúcho era mais crítico em relação aos totalitarismos de direita do que aos de esquerda.

Não foi possível descobrir se a carta de Torres Gonçalves, acompanhada por algumas obras de Comte e por algumas publicações da IPB, chegou às mãos de Gandhi. Não consta que tenha havido resposta a ela.

O freqüente silêncio dos destinatários de suas cartas não demoveu Torres Gonçalves do propósito de interferir no rumo dos acontecimentos políticos que se verificavam em escala mundial, procurando convencer a opinião pública e os governantes a aceitarem as medidas propostas por Comte. Desse modo, quando a guerra civil espanhola teve início, em 1936, o positivista gaúcho posicionou-se em relação às forças em

confronto. Assim, em janeiro de 1937, Torres Gonçalves escreveu uma carta a José Castillo, professor de Direito da Universidade Central de Madrid, acerca de uma palestra que este havia feito em Paris no fim do ano anterior sobre o conflito em andamento na Espanha. Após lembrar que Auguste Comte considerava a Espanha como guardiã dos “tesouros morais da humanidade”, além de reservar para ela um papel fundamental na implantação do regime fraterno no mundo ocidental, Torres Gonçalves (1937) fez a seguinte análise das forças em conflito no país peninsular:

A realidade é que os dois partidos extremistas que disputam a direção dos negócios terrestres são ambos *retrogrado-revolucionários*, resultantes ambos da ausência de opinião pública orientada. Se o espírito revolucionário prepondera num, no outro é brutal a retrogradação. Desde logo anárquicos ambos, muitas afinidades apresentam entre si, como acontece entre todos os despotismos, incluídos os de coloração mais ou menos atenuada, de origem democrática. (p. 4).

A partir de sua perspectiva peculiar, Torres Gonçalves posicionou-se a favor do governo constitucionalmente instituído e contra as forças golpistas. Essas, porém, saíram vencedoras do confronto, impondo um regime político autoritário que se manteve pelos 40 anos seguintes.

Abstraindo a situação particular da Espanha, na mesma carta ao professor Castillo – depois reproduzida em folheto –, Torres Gonçalves aproveitou para fazer uma análise mais ampla do contexto político em que o continente europeu estava mergulhado. Nesse sentido, afirmou:

O mundo, as sociedades ocidentais, atravessam a maior das crises. Estado de moléstia coletiva, cerebral, como também o são, essencialmente, as moléstias individuais. Crise agudíssima, de exaltação vizinha da loucura, afetando sobretudo o orgulho, a vaidade, o instinto destruidor, obliterando a razão, impedindo-a de sentir as realidades superiores, sociais e morais.

*Fascismo, nazismo, bolchevismo* – são sintomas agudos dessa moléstia crônica. E, se bem que incomparavelmente menos perturbadores, não deixam de o ser muitos dos expedientes variáveis da metafísica democrática [...]. As próprias aberrações extremistas constituem manifestações da insuficiência da democracia para preservar da anarquia a sociedade ocidental. Absurda e imoral, por exemplo, é a escolha dos superiores

pelos inferiores a votos contados numericamente [...]. A verdade, repetimos, é que também a democracia está falida. (GONÇALVES, 1937, p. 5-7).

Cabe ressaltar que, mais uma vez, Torres Gonçalves fez uma analogia entre os estados psíquicos individuais e a situação política dos países europeus. De fato, Comte, diversas vezes, afirmou que o indivíduo, em seu desenvolvimento mental, reproduz os estágios pelos quais a humanidade passou ao longo de sua evolução. De outra parte, é interessante notar que os princípios da psicanálise freudiana se difundiram bastante a partir da década de 20, atingindo inclusive o campo das artes. Desse modo, os regimes totalitários europeus fizeram larga utilização de recursos da psicologia de massas. Por outro lado, também chama a atenção nas palavras de Torres Gonçalves a ratificação das críticas ao sistema democrático de escolha dos governantes, que os positivistas entendiam como uma forma de manifestação do pensamento metafísico.

Em 14 de outubro de 1937, juntamente com cinco outros confrades da IPB, o engenheiro rio-grandino publicou um manifesto no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, no qual analisou a invasão da China pelas forças armadas japonesas. Após lembrar que os assuntos humanos estavam todos entrelaçados e que o ataque de uma nação a outra não deveria ser ignorado pelas demais, Torres Gonçalves (1937) alertou:

[...] nenhum país ignorará o perigo – não só para o Oriente, como para o Ocidente e a Terra toda – do desenvolvimento da potência agressiva do Japão, avassalando imensas populações e militarizando-as [...]. Desde então, defendendo a República chinesa, cada qual se defenderá a si próprio. Só deixarão de enxergar tal verdade os governos que alimentem análogas ambições imperialistas [...]. Aliás, se vingassem os planos manifestos dos atuais dirigentes japoneses, haveriam de acabar se arrependendo os êmulos ocidentais, o mais tardar, no momento da disputa entre si do mando universal [...]. A recente declaração do governo dos Estados Unidos do Norte, declarando expressamente que não reconhecerá conquistas territoriais, é um primeiro passo a ser secundado pelos demais governos. Mesmo quando já sejam eles signatários de tratados condenatórios de conquistas territoriais, a formulação expressa da reprovação torna-se necessária [...] à vista da frequência dos exemplos de governos faltosos a compromissos assumidos. (p. 8-9).

É interessante observar o raciocínio desenvolvido por Torres Gonçalves para tentar convencer os governos ocidentais a se manifestarem contrariamente à ocupação militar da China pelo Japão. Entendendo que o apelo aos sentimentos altruístas não seria suficiente para mobilizar a opinião pública e os governantes, o positivista gaúcho apelou para os sentimentos egoístas desses países, lembrando-lhes que, caso não detivessem o Japão, em breve haveria outro concorrente com o qual teriam de compartilhar o domínio do planeta. De outra parte, o elogio à posição adotada pelo governo norte-americano era uma reafirmação de pronunciamentos anteriores de Torres Gonçalves e de outros positivistas ortodoxos brasileiros acerca das relações internacionais, invariavelmente condenatórias da interferência de um país em assuntos de outras nações, salvo em casos de solidariedade contra ataques externos já perpetrados.

### **A Segunda Guerra Mundial na perspectiva de Torres Gonçalves**

Em outubro de 1939, logo depois do acordo entre a União Soviética e a Alemanha e da invasão da Polônia por essa, Torres Gonçalves publicou – em companhia dos confrades positivistas Ernesto de Otero e Geonísio Curvello de Mendonça – um folheto intitulado “Pela Humanidade! – os ensinamentos de Augusto Comte sobre o horrível dilaceramento fratricida que vitimou a República Ocidental, especialmente no seu núcleo original, isto é, europeu, de 1914 a 1918”. Após reproduzir diversas passagens de obras do filósofo francês em prol da harmonia entre os povos e vários trechos de folhetos dos apóstolos Miguel Lemos e Teixeira Mendes acerca da Primeira Guerra Mundial, o manifesto de Torres Gonçalves (1939) passou a enfatizar os recentes acontecimentos verificados na Europa:

A natureza e os motivos desta nova crise [...] são ainda os mesmos da que, há apenas um quarto de século, a precedeu. Como a de então, é de natureza mais intelectual do que moral, conquanto também enorme seja a participação dos sentimentos, profundamente alterados, em consequência do fatal esgotamento das fés teológicas, por toda a parte. Reclama pois, a sua remoção definitiva, a assistência de uma Fé demonstrável, estendida aos domínios superiores, da Sociologia e da Moral; que seja para a arte política – para o governo das sociedades – o equivalente do que já são, para as artes industriais, as ciências inferiores, da matemática à biologia. (p. 37).

Na ótica de Torres Gonçalves, portanto, as raízes da Segunda Guerra Mundial estariam na ignorância das leis sociológicas por parte da opinião pública e dos governantes ocidentais, bem como na falta de aceitação da Religião da Humanidade, ambas as concepções elaboradas por Auguste Comte. Aliás, seriam as mesmas causas da Primeira Guerra Mundial, poucos anos antes. Desse modo, o positivista gaúcho atribuiu ao empirismo político dos governantes a causa dos conflitos bélicos. Torres Gonçalves observou ainda que, da mesma forma como ocorrera no conflito anterior, coube aos povos germânicos a iniciativa de agredir seus vizinhos em 1939.

Em seguida, no mesmo texto, Torres Gonçalves passou a analisar o pacto entre a Alemanha e a União Soviética (ou “Rússia”, como continuou a denominá-la), através do qual esta saiu de seu isolamento:

Até então, a Rússia se havia absterido de intervir na política ocidental, salvo quando entrou para a Sociedade das Nações, iniciando-se com propostas de paz e de desarmamento, e, depois disso, sucessivamente condenando os atentados que se vieram seguindo: a conquista da Abissínia; a dupla intervenção militar estrangeira, nazi-fascista, nos negócios internos da Espanha; a invasão da China; a absorção da Áustria; o avassalamento da Tchecoslováquia. Em todos esses casos procurou mesmo chamar os países congregados em torno daquela Sociedade à observância dos compromissos assumidos, de se entre-auxiliarem na defesa contra todo o agressor. E, faz poucos meses, o chefe do governo russo, confirmando o seu auxílio à defesa da China, acrescentava que o estenderia a qualquer outra nação agredida. Ora, isso, hoje, poderia resumir [...] um programa de política internacional, à vista da insegurança criada pelo fascismo e o nazismo, com a colaboração asiática do governo nipônico. A falta de cumprimento daquelas obrigações tão solenes [...] muito pode haver concorrido para gerar na Rússia o menosprezo pelos governos ocidentais faltosos. (1939, p. 37).

Portanto, Torres Gonçalves viu na falta de solidariedade entre os países integrantes da Liga (ou Sociedade) das Nações a causa da União Soviética ter estabelecido um pacto de não-agressão com a Alemanha, assim adotando uma política mais agressiva no plano internacional. Através do acordo, o governo de Moscou viu a possibilidade de consolidar

sua posição no Oriente e de criar as condições para interferir mais ativamente nos negócios do Ocidente, inclusive através da partilha de territórios. Acerca do pacto russo-alemão, Torres Gonçalves observou ainda que ele “veio concorrer para dissipar ilusões muito freqüentes, posto que ingênuas, sobre pretendidos antagonismos de princípios entre os aludidos extremismos”.

Como se percebe, o positivista rio-grandino via mais similaridades do que diferenças entre os regimes políticos da União Soviética e da Alemanha, ambos caracterizados pelo totalitarismo. Desse modo, a União Soviética silenciou quando a Alemanha invadiu a Polônia em setembro de 1939. Em contrapartida, quando a União Soviética invadiu a Finlândia, em 30 de novembro do mesmo ano, a Alemanha também se omitiu de apresentar qualquer restrição. O mesmo, porém, não ocorreu com Torres Gonçalves, que imediatamente escreveu um manifesto intitulado “Pela fraternidade universal – a agressão à Finlândia: mais um atentado de lesa-humanidade, estimulado pelas lutas fratricidas do Ocidente”. No texto, publicado sob a forma de folheto e datado de 15 de dezembro, o positivista gaúcho comparou as ações expansionistas desenvolvidas pela Alemanha, Itália e Rússia. No seu entender, como, de resto, no entender do conjunto da ortodoxia positivista, as duas primeiras nações mereceriam maior apreço, em função das contribuições que, no passado, haviam dado ao desenvolvimento da humanidade. Nesse sentido, a condenação dos regimes em vigor na Itália e na Alemanha deveria ser mais vigorosa por parte dos demais governos ocidentais, pois maiores seriam os seus desvios em relação aos destinos históricos para elas concebidos por Auguste Comte:

Em face de tamanhas ameaças, não é possível fugir à realidade [...]. No caso, requer que cada qual assuma a sua parte de colaboração na defesa coletiva, os governos como as simples pessoas. E isso supõe que ninguém se iluda entre os perigos do lado da Rússia, nação mais asiática do que européia, no conceito de Augusto Comte, sem passado notável a prestigiá-la, e os perigos incomparavelmente maiores da escravização pelas charlatanescas aberrações *fascista* e *nazista*, revivescência [sic] de velhos despotismos, mas ressurgidos em países de grande tradição. (GONÇALVES, 1939, p. 4-5).

Em maio de 1940, em companhia de seus confrades positivistas Ernesto de Otero e Curvello de Mendonça, Torres Gonçalves publicou um folheto intitulado “Pela Humanidade! – a neutralidade como não-participação ativa apenas nas lutas fratricidas: a propósito dos recentíssimos atentados totalitários, em curso, contra a Bélgica, a Holanda e o Luxemburgo, comprometendo cada dia mais a situação do Ocidente e da Terra”, no qual voltou a condenar a omissão dos governos ocidentais relativamente às invasões territoriais em curso na Europa:

[...] foi só por ocasião da invasão da Polônia que a França e a Inglaterra, sentindo a iminência do perigo em que isso as colocava, iniciaram a grande resistência que se prolonga. E foi no caso finlandês que começou a verificar-se um movimento geral de indignação intenso bastante para induzir numerosos governos a saírem da neutralidade absoluta, comprometedora, e fazerem a condenação do atentado. Mas já nos casos que logo se seguiram, da Dinamarca e da Noruega, a reação voltou a ser insignificante da parte dos neutros, em consequência sobretudo da funesta tolerância habitual [...] em relação aos países mais responsáveis. (GONÇALVES, 1940, p. 2-3).

Encontrando escassa resistência interna e poucos protestos externos, a Alemanha consolidou a ocupação da Bélgica e da Holanda antes do fim de maio de 1940, voltando-se então para a conquista do território francês. A relativa omissão da França diante do expansionismo germânico lhe custou caro. Com suas forças armadas desaparelhadas e mal-preparadas, a França não conseguiu deter o avanço das forças alemãs, que rapidamente conquistaram o norte do país, chegando às proximidades de Paris logo na segunda semana de junho daquele ano.

Desse modo, no dia 14 de junho de 1940, o *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, publicou um manifesto intitulado “A hegemonia espiritual de Paris – *Fluctuat nec mergitur*”, de autoria de Torres Gonçalves, Ernesto de Otero e Geonísio Curvello de Mendonça. Datado do dia anterior, o manifesto dos positivistas ortodoxos brasileiros alertava para a ameaça que pesava sobre a capital francesa:

Desgraçadamente [...] as hostes guerreiras de um dos *elementos fraternos* ocidentais, esquecido do *Passado comum* que os irmana iniludivelmente, como em 1914, em alucinação, após outros atentados preparatórios cometidos, invadem pacíficos povos

vizinhos, de civilização superior, destroçando-lhes as propriedades e destruindo-lhes as vidas para abrir passagem e atingir [...] o alvo principal visado, o centro da civilização ocidental.

Para cúmulo de desgraça da espécie, os pretendidos dirigentes atuais da Pátria gloriosa de César e de Dante, a segunda das nações da vanguarda do Ocidente, na classificação hierárquica do Fundador da Política Positiva, acabam de associar-se, fascinados pela mesma monstruosa obsessão de mando, a mesma infernal revolta contra o Passado, investindo igualmente, no mais sacrílego dos crimes de lesa-Humanidade, contra esse centro, a Capital da Terra, Paris! (GONÇALVES, 1940, p. 2).<sup>5</sup>

Como se percebe na passagem acima, era grande a revolta de Torres Gonçalves e de seus confrades da IPB com a iminente tomada de Paris pelas forças alemãs. Os positivistas ortodoxos brasileiros também não se conformavam com a aliança entre a Itália e a Alemanha visando ao domínio do continente europeu, pois entendiam que os dois países deveriam secundar a França na difusão do projeto político concebido por Auguste Comte, calcado na fraternidade das relações entre os povos. Portanto, fiéis à filosofia comtiana da história, acusavam os governos fascista e nazista de se revoltarem contra o passado.

Enquanto o norte da França permaneceu sob administração alemã, no sul do país foi instalado um regime colaboracionista liderado pelo marechal Pétain, com a capital em Vichy. De outra parte, a União Soviética ocupou os territórios da Estônia, Letônia e Lituânia. Desse modo, com quase todo o território da Europa ocidental e central sob domínio das forças nazi-fascistas, enquanto as forças soviéticas ocupavam boa parte da Europa oriental, a resistência concentrou-se quase unicamente na Inglaterra, alvo de freqüentes ataques aéreos partidos da Alemanha durante os anos de 1940 e 1941. Como na Primeira Guerra Mundial, um quarto de século antes, a França e a Inglaterra estavam em desvantagem militar relativamente às forças germânicas. Assim, novamente, esses países se voltaram para os Estados Unidos, na esperança de reverter a tendência de derrota através do apoio vindo do outro lado do Atlântico.

Nesse sentido, Torres Gonçalves e alguns confrades positivistas fizeram um apelo para que os Estados Unidos abandonassem a posição de isolamento que vinham mantendo até então e se engajassem no

conflito ao lado das nações agredidas, lembrando a dívida histórica que o país teria para com a civilização européia, ameaçada pelos desvarios militaristas de alguns de seus líderes. Tal apelo refletia a crescente hegemonia conquistada pelos Estados Unidos na política internacional desde a Primeira Guerra Mundial, além de revelar a simpatia dos positivistas ortodoxos pelo regime político norte-americano. Aliás, tal simpatia remontava ao próprio Auguste Comte, admirador da precocidade republicana do país e da estabilidade de suas instituições políticas, apesar da adoção do sistema democrático de escolha dos governantes.

Em dezembro de 1941, momento em que a guerra havia se espalhado por todo o planeta, sem perspectiva de pacificação imediata, Torres Gonçalves publicou um pequeno livro intitulado *A ordem social e o problema da paz (a propósito da atual catástrofe fratricida)*. Ao contrário das publicações anteriores, geralmente de pequenas proporções, raramente superando vinte ou trinta páginas, esta obra possui mais de uma centena de páginas e não foi reproduzida em jornais. O livro divide-se em três capítulos. No primeiro, intitulado “A situação do Ocidente”, Torres Gonçalves reafirmou os “diagnósticos” anteriormente apresentados acerca das causas da guerra e ratificou a caracterização do fascismo, do nazismo e do bolchevismo como formas de totalitarismo, apesar de suas diferenças. Em particular, o positivista gaúcho abordou a perseguição dos nazistas aos judeus:

Mas além da guerra, outros atos de superexcitação nacionalista estão sendo praticados pelo *nazismo*, com a conivência do *fascismo*. Dentre eles, o chamado *racismo*. É o pretenso fundamento etnográfico da perseguição aos judeus. Na verdade, fruto do consórcio da ignorância com a maldade. Ignorância biológica, sociológica e moral. O que prevalece, porém, é a penúria altruísta. Porque não há quem ignore a participação dos judeus na evolução da espécie, principalmente em sua adolescência, e quando os germanos jaziam na barbárie, de onde colaboraram para tirá-los. A só figura de São Paulo, o judeu incomparável, maravilha da raça humana, o Fundador da Doutrina que presidiu à evolução do Ocidente durante perto de um milênio [o cristianismo], e ainda continua a ampará-lo moralmente na transição revolucionária para a Fé científica, bastaria para justificar a eterna gratidão para com os judeus. (GONÇALVES, 1941, p. 15).

Na seqüência de sua argumentação, a propósito da transferência forçada de populações, feita pela Alemanha como modo de isolar as distintas etnias, Torres Gonçalves passou a tratar, sob a ótica da filosofia comtiana, a questão racial de uma forma mais genérica. Nesse sentido, afirmou:

Perante a política científica, a fusão dos povos e raças é tendência natural, a ser utilizada. Apenas não deve ser apressada artificialmente, entre outros motivos, em razão dos preconceitos ainda existentes, embaraçando uma justa apreciação das virtudes e dos defeitos das raças e povos, a ponto de tomar-se virtudes como defeitos, e vice-versa. O ideal é a formação de um tipo que resulte da fusão das raças e povos, que reúna em si, biologicamente, por hereditariedade, as melhores qualidades de cada um. É dos grandes problemas reservados ao Futuro. (GONÇALVES, 1941, p. 15-16).

É interessante lembrar que, dentro das limitações do tempo e do meio, Torres Gonçalves procurou criar as condições para a realização de tal fusão entre as raças ao dirigir os trabalhos de colonização da Região Norte do Rio Grande do Sul, entre 1908 e 1928, cuidando para que imigrantes de diversas etnias convivessem em uma mesma comunidade.

Em decorrência do ataque japonês à base naval de Pearl Harbour, ocorrido em dezembro de 1941, foi convocada uma reunião de chanceleres dos países do continente americano através da qual se procurou formar um bloco de apoio ao engajamento norte-americano na luta contra as forças do Eixo. Procurando marcar a posição dos adeptos da religião positivista em relação à questão, em 18 de janeiro de 1942, juntamente com seus confrades Ernesto de Otero e Geonísio Curvello de Mendonça, Torres Gonçalves publicou no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, um manifesto intitulado “A América e a paz (a propósito da 3ª reunião de chanceleres das Repúblicas americanas)”, enfocando a reunião de ministros das relações exteriores dos países da América que estava se realizando na capital brasileira, conclamando à solidariedade os países europeus vítimas de agressões externas.

A propósito do especial apreço dos positivistas religiosos pela França – particularmente por Paris –, no dia 10 de agosto de 1942, data do sesquicentenário da fundação da República no país gaulês, Torres Gonçalves, Ernesto de Otero e Geonísio Curvello de Mendonça, em nome da Delegação Executiva da IPB, publicaram um folheto intitulado *A fundação da República em França – em comemoração da passagem do 150º*

*aniversário (10 de agosto de 1792 – 10 de agosto de 1942)*, no qual reafirmaram o desejo de ver, brevemente, a “capital da Terra” liberta das tropas nazistas. Tratando do aniversário da deposição da monarquia e da implantação do regime político republicano na França, os positivistas brasileiros ratificaram sua preferência pelo sistema ditatorial ao sistema democrático, lembrando a grande instabilidade deste. No entender deles, o fundamental seria a garantia das liberdades fundamentais. Para comemorar aquela data, os adeptos da Religião da Humanidade realizaram uma cerimônia diante do monumento a Benjamin Constant, o “fundador da República no Brasil”, na Praça da Bandeira, Rio de Janeiro.

Em março de 1943, juntamente com Curvello de Mendonça, Torres Gonçalves publicou um livreto chamado *A paz estável (de princípios): a propósito do atual dilaceramento fratricida*, no qual teceu considerações sobre o andamento da guerra. Em particular, a obra refere a mudança verificada na opinião pública acerca da Rússia, até pouco tempo antes percebida como constituindo um perigo maior do que o representado pela Alemanha nazista, apesar da opinião em contrário dos positivistas religiosos. Na opinião do positivista rio-grandino, foram necessários os atentados racistas da Alemanha para evidenciar que o seu regime político se constituía na maior ameaça à humanidade.

Em seguida, no mesmo texto, Torres Gonçalves argumentou que a Rússia propôs o desarmamento geral dos países europeus após a Primeira Guerra Mundial, além de protestar na Liga (ou Sociedade) das Nações contra as agressões sofridas pela Abissínia, China e Espanha. Porém, não havendo reação das demais nações contra os países agressores, a Rússia procurou obter um tratado militar que a protegesse, assim surgindo o acordo com a Alemanha. Dando continuidade a seu raciocínio, o positivista sul-rio-grandense passou a tecer considerações acerca do papel que caberia à Rússia (como continuava a denominar a União Soviética) após o término da guerra:

A Rússia, com sua participação atual na defesa comum, entra naturalmente para o grupo das nações que terão maior influência nos acontecimentos internacionais do após-guerra. E, sem a transformação geral reclamada na conduta das nações ocidentais, quaisquer que sejam as palavras fraternas que destas receba, é explicável que continue em expectativa, e não deposite nelas plena confiança. E enquanto esta não se estabelecer [...], continuará a atmosfera propícia aos dissídios, não se realizará o desarmamento geral, não ficarão afastados os perigos de novas lutas fratricidas. (GONÇALVES, 1943, p. 15).

Como se vê, Torres Gonçalves percebeu o papel que a União Soviética desempenharia no cenário mundial após o encerramento da Segunda Guerra Mundial, bem como o clima político que se instalaria nas relações internacionais. Também chamou a atenção para a repulsa geral que havia na Ásia e na África pelo domínio colonial que as nações européias impunham desde o século XIX. Destacando o fato de que a União Soviética seria mais asiática do que européia, segundo análise feita por Auguste Comte, Torres Gonçalves assinalou que o país se constituiria em um “invencível centro de reação das imensas populações orientais” contra as grandes potências ocidentais.

A partir da chegada das forças norte-americanas à Normandia, região norte da França, no princípio de junho de 1944, o poder alemão no país começou a retroceder. Por outro lado, internamente, a partir do sul, a resistência francesa ao domínio nazista conseguiu impor pesadas baixas aos invasores. Desse modo, pouco mais de dois meses após o desembarque, as tropas norte-americanas chegaram a Paris.

Em 27 de agosto de 1944, poucos dias após a expulsão das forças alemãs da capital francesa, em conjunto com Curvello de Mendonça e com Alfredo de Moraes Filho, Torres Gonçalves publicou nas páginas do *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, um manifesto intitulado “A libertação de Paris”, no qual não escondeu seu entusiasmo com o fato:

Mais uma vez, a consoladora verdade vem de verificar-se: *o homem se agita e a humanidade o conduz*. Como na catástrofe de 1914, os sonhos de domínio do mundo vão se esboroando. Paris, a Capital da Terra, está liberta! *Fluctuat nec mergitur!* Mas quê de dores, quê de martírios, até chegar este momento! E a luta ainda não está finda!... Esmagada logo no início do inominável atentado pelas hordas mecanicamente brutalizadas e enfurecidas de um povo exposto ainda aos arrastamentos do fanatismo guerreiro, traída por muitos de seus filhos, e por outros, dominados de derrotismo, tida como irremissivelmente subjugada, a alma imortal da verdadeira França, da França de Santa Genoveva, de Joana d’Arc e de Danton, se concentrou em sua amargura infinita, preparando-se para a reação suprema, enquanto aguardava confiante o apoio exterior de outras poderosas nações igualmente ameaçadas. (GONÇALVES, 1944, p. 1).

Entre o fim de 1944 e o início de 1945 ficou evidente que a guerra terminaria com a vitória das forças aliadas sobre as forças da Alemanha, da Itália e do Japão, restando saber quanto tempo essas ainda resistiriam. Foi nessa perspectiva, já cogitando sobre as condições da futura ordem mundial, que, em 19 de janeiro de 1945, aniversário do nascimento de Auguste Comte, Torres Gonçalves e Curvello de Mendonça publicaram no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, um artigo (depois veiculado sob a forma de folheto) intitulado “A Humanidade acima da Pátria: ainda a propósito da concepção da paz e dos preconceitos que continuam a embarçá-la”, no qual defenderam a idéia de que os sentimentos nacionalistas seriam o principal obstáculo à pacificação definitiva da humanidade.

Torres Gonçalves e Curvello de Mendonça defenderam o abandono das políticas imperialistas desenvolvidas pelas nações européias na Ásia e na África. Argumentando que os argelinos deveriam sentir em relação aos franceses o mesmo que esses sentiram em relação aos alemães, aconselharam a França a conceder pacificamente a independência à Argélia. No mesmo sentido, defenderam que a Inglaterra restituísse Gibraltar à Espanha e que concedesse a independência à Índia. Na opinião dos autores, a Inglaterra e a França não poderiam desperdiçar a oportunidade de tomar a iniciativa de adotar tais medidas fraternas no sentido de promover a descolonização da Ásia e da África, assim impedindo revoltas sangrentas e preservando a simpatia universal que haviam angariado na resistência ao nazi-fascismo.

De outra parte, naquele mesmo artigo, Torres Gonçalves e Curvello de Mendonça fizeram considerações acerca da discussão em andamento visando à criação de um organismo supranacional que, detendo o monopólio da força, buscaria assegurar a paz no planeta. Entretanto, antes mesmo do encerramento da Segunda Guerra Mundial e do surgimento formal da Organização das Nações Unidas (ONU), os positivistas religiosos brasileiros já questionavam os parâmetros de estruturação da futura entidade, em que os países que dispusessem de maior quantidade de armas comporiam uma cúpula – o “Conselho de Segurança” – que imporia os seus termos de paz aos outros.

De fato, no início de 1945, a Alemanha já estava cercada pelas forças norte-americanas, britânicas e francesas, por um lado e, por outro, pelas forças soviéticas. De outra parte, em meados do ano anterior, o regime fascista havia caído na Itália. Dos países do Eixo, apenas o Japão

ainda demonstrava condições de prolongar o conflito por mais tempo, assim mesmo, restrito somente ao oceano Pacífico.

### A Guerra Fria nos escritos de Torres Gonçalves

Após o término da Segunda Guerra Mundial, já septuagenário, Torres Gonçalves continuou a observar os acontecimentos verificados em escala global a partir de sua peculiar interpretação do positivismo comtiano. Nesse sentido, em 1946, poucos meses após o lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, o positivista gaúcho manifestou-se a favor de que os Estados Unidos divulgassem o princípio da energia nuclear para que essa fosse colocada à serviço da fraternidade universal. Também retomou a crítica ao colonialismo europeu na África e na Ásia, protestando contra o não-reconhecimento do governo comunista chinês por parte da ONU. (GONÇALVES, 1946, p. 1-2).

Com a polarização ocorrida entre os Estados Unidos e a União Soviética durante as décadas posteriores à Segunda Guerra, Torres Gonçalves passou a dar atenção em seus escritos à corrida armamentista e ao perigo dos armamentos nucleares, propondo a destruição não apenas do arsenal nuclear, mas também dos submarinos de guerra, dos aviões de combate, dos armamentos convencionais e de armas químicas e biológicas. (GONÇALVES, 1951, p. 1-8). É interessante notar que ao longo da Segunda Guerra e durante as décadas posteriores, Torres Gonçalves publicou diversos de seus folhetos em francês, procurando atingir um público mais amplo para suas idéias, mas sem encontrar repercussão.

Na segunda metade da década de 50, já octogenário, Torres Gonçalves não se furtou a manifestar sua opinião acerca da presença militar dos Estados Unidos na Coreia e sobre o envio de tropas soviéticas à Hungria, vendo em tais ações a continuação da política imperialista que as nações da Europa ocidental haviam desenvolvido em décadas anteriores e que ainda estava em curso, como evidenciava a união entre a França e a Inglaterra para derrubar o governo egípcio que pretendia retomar o controle sobre o canal de Suez. (GONÇALVES, 1956, p. 1-8). No entender de Torres Gonçalves, a crise vivida seria própria do período de transição entre o regime do passado, “teológico-militar”, e o regime do futuro, “científico-industrial-pacífico”. A transformação só se

completaria quando as leis sociais e morais descobertas por Auguste Comte fossem tão conhecidas quanto as leis cosmológicas.

Na década de 60, quando se tornou nonagenário, apesar da crescente perda de visão e da morte da esposa após seis décadas de casamento, Torres Gonçalves continuou a acompanhar os desdobramentos da política internacional e a publicar seus folhetos, agora ditados a um enfermeiro e cada vez menos conhecidos e considerados pela opinião pública. Assim mesmo, o positivista ortodoxo gaúcho não deixou de expor sua opinião – calcada sempre em obras de Auguste Comte – acerca da Revolução Cubana, da Guerra do Vietnã e mesmo da chegada do homem à Lua. Acerca desse último tema, Torres Gonçalves escreveu:

Os grandes recursos que estão sendo desperdiçados por Estados Unidos e Rússia, em emulação a verem quem chega primeiro à Lua, se justificariam se aplicados no esforço de ver quem alcançará mais cedo a incorporação do proletariado às sociedades [...]. Logrando chegarmos à Lua, antes do tempo, quer dizer, antes do termo de tal situação [a pacificação do planeta Terra], os seus habitantes, supondo existirem, se forem mais avançados do que nós, ficarão decepcionados ante nosso enorme atraso. HorrORIZADAS ao tomarem conhecimento de que ainda neste nosso século, duas enormes catástrofes fratricidas ensangüentaram o grupo de nações mais adiantadas. (GONÇALVES, 1967, p. 4).

Desse modo, como creio ter deixado claro nas páginas precedentes, nas análises que Torres Gonçalves fez das transformações políticas ocorridas no plano internacional entre o fim do século XIX e o princípio da década de 70 percebe-se um grande esforço no sentido de manter coerência com a filosofia positivista da história, bem como o intuito de preservar estrita fidelidade à interpretação que Miguel Lemos e Teixeira Mendes fizeram do conjunto da obra de Comte.

Nesse sentido, com a mesma constância de subordinação aos princípios da Religião da Humanidade que manteve em suas relações com a família (em sua vida privada) e com a pátria (em sua vida profissional e em suas atividades como cidadão), Torres Gonçalves procurou, ao longo de sua existência quase centenária, convencer o conjunto da humanidade a aceitar as soluções políticas propostas pelo fundador da sociologia para os conflitos dos quais foi contemporâneo. Entretanto, é importante ressaltar que, apesar de recorrentes, os folhetos

e artigos de jornal escritos por Torres Gonçalves acerca das relações internacionais, nenhuma influência tiveram sobre o rumo dos acontecimentos, passando quase despercebidos.

Porém, mesmo vendo o sonho de “regenerar a humanidade” cada vez mais distante de se concretizar, Torres Gonçalves manteve-se fiel à doutrina que abraçou ainda na adolescência e à inscrição gravada na lápide de sua sepultura: “Crer. Seguir”.

## Notas

<sup>1</sup> O leque extremamente amplo de temas abordados nas publicações da Igreja Positivista do Brasil pode ser percebido no catálogo que reúne suas edições realizadas entre 1881 e 1932, num total que se aproxima de mil títulos: APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL. *Catálogo das publicações*. Igreja Positivista do Brasil, 1932. A denominação “apostolado” refere-se tão-somente às atividades dos “apóstolos” Miguel Lemos e Teixeira Mendes, razão pela qual aqui se utiliza de forma mais ampla a expressão “igreja”, que reúne tanto apóstolos como confrades, correligionários e simpatizantes.

<sup>2</sup> Entre os diversos apelos para o término da guerra feitos por Teixeira Mendes entre 1914 e 1920, editados pela Igreja Positivista do Brasil sob o título “Pela Humanidade” (ou “*Pour l’Humanité*”), os mais importantes são os seguintes: *I – Les enseignements d’Auguste Comte sur l’horrible déchirement fratricide qui victime à ce moment la République Occidentale* (1914); *VIII – Da neutralidade ao estado de guerra* (1916); *XIII – Commémoration de la nouvelle victoire de l’Humanité – le terme de la guerre de 1914-1918* (1918); *XV – Les conditions inéludables de la paix d’après Auguste Comte* (1919); *XVII – As prescrições da moral e as aberrações do empirismo político – A sede da Liga das Nações. As anexações territoriais* (1919).

<sup>3</sup> No *Apelo aos conservadores*, assim Comte se referiu à transformação ocorrida no sentimento patriótico na transição das sociedades guerreiras para as sociedades pacifistas: “Devo agora assinalar o complemento necessário que a sistematização da Pátria fornece ao conjunto da constituição sociocrática para que a Família se ache aí assaz ligada à Humanidade. Segundo a lei que coloca a

apreciação normal de um intermédio qualquer depois da dos dois extremos correspondentes, a educação positiva faz primeiro sentir a Família durante a dupla fase afetiva, depois ela ensina a conhecer a Humanidade na iniciação teórica. A Pátria não se torna distintamente apreciável senão quando a preparação enciclopédica completa-se pelo livre-esboço da atividade prática. Mas a substituição final da atividade pacífica ao surto guerreiro deve radicalmente modificar o instinto patriótico. Importa apreciar essa mudança necessária, a fim de evitar as ilusões e as perturbações que suscitaria na existência moderna uma vã aspiração a reproduzir as antigas sociabilidades.” In: COMTE, Auguste. *Apelo aos conservadores*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1899. p. 78-79).

<sup>4</sup> A referida carta, com 32 páginas datilografadas, foi escrita em português, sendo traduzida para o inglês “por uma distinta senhora brasileira”, segundo informação prestada por Torres Gonçalves no fim do texto. Tudo indica que essa senhora tenha sido Esther de Viveiros, confreira da IPB que traduziu para o inglês diversos folhetos de Torres Gonçalves publicados na mesma época. Cf. Carta de Carlos Torres Gonçalves a Mahatma Gandhi, 25 de outubro de 1936. Arquivo da Capela Positivista de Porto Alegre (ACPPA).

<sup>5</sup> In: GONÇALVES, Carlos Torres et alii. *Pela humanidade! A hegemonia espiritual de Paris – Fluctuat nec mergitur: a proposito da extensão da sanha destruidora à propria Capital da Terra*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1940. p. 2. O manifesto de Torres Gonçalves, Ernesto de Otero e Curvello de Mendonça foi escrito em 13 de junho,

véspera da tomada de Paris pelas forças nazistas. Nesse sentido, uma nota de rodapé alertava: “Ao terminarmos este escrito, Paris estava na véspera da ocupação alemã!... Avizinhava-se, pois, o perigo geral. Urge que todos que amam a Pátria se unam,

ainda talvez os oceanos, na mais enérgica reação comum, por todos os meios, contra os modernos hunos.” A nota não consta de publicação feita no *Jornal do Commercio*, no dia 14 de junho, nem de sua reprodução no *Correio do Povo*, em Porto Alegre, feita em 16 do mesmo mês.

## Referências

---

- APOSTOLADO POZITIVISTA DO BRAZIL. *Catálogo das publicações*. Igreja Positivista do Brasil, 1932.
- COMTE, Auguste. *Apelo aos conservadores*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1899.
- GONÇALVES, Carlos Torres (Org.). *Notícia da propaganda positivista no Estado do Rio Grande do Sul (anos de 1914 e 1915)*. Porto Alegre: Igreja Positivista do Brasil, 1917.
- GONÇALVES, Carlos Torres. *Pela fraternidade universal: o respeito às nações mais fracas e o sacrifício iminente da Abyssinia*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1935.
- GONÇALVES, Carlos Torres. *O atual dilaceramento fratricida na Hespanha (sumária apreciação à lus do Pozitivismo) em carta ao Sr. José Castillo: a conferência da pás de Buenos Aires*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1937.
- GONÇALVES, Carlos Torres et alii. *Pelos supremos interesses da humanidade: a propósito do prosseguimento da indébita intervenção militar estrangeira nos negocios intêrnos da Espanha e da invazão da Republica Chinêza por forças armadas do Imperio do Japão*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1937.
- GONÇALVES, Carlos Torres et alii. *Pela humanidade!: os ensinso de Augusto Comte sobre o horrível dilaceramento fratricida que vitimou a República Ocidental, especialmente no seu núcleo original, isto é, europeu, de 1914 a 1918*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1939.
- GONÇALVES, Carlos Torres. *Pela fraternidade universal – a agressão à Finlândia: mais um atentado de léza-humanidade, estimulado pelas lutas fratricidas do Ocidente*. Rio de Janeiro: IPB, 1939.
- GONÇALVES, Carlos Torres et alii. *Pela humanidade! – A neutralidade como não-participação activa apenas nas lutas fratricidas: a proposito dos recentíssimos attentados totalitarios, em curso, contra a Belgica, a Hollanda e o Luxemburgo, compromettendo cada dia mais a situação do Occidente e da Terra*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1940.
- GONÇALVES, Carlos Torres et alii. *Pela humanidade! A hegemonia espiritual de Paris – Fluctuat nec mergitur: a proposito da extensão da sanha destruidora à propria Capital da Terra*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1940.
- GONÇALVES, Carlos Torres. *A ordem social e o problema da pás (a propósito da atual catástrofe fratricida), seguido de A declaração de pás anglo-americana (a propósito da “Carta do Atlântico”)*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1941.
- GONÇALVES, Carlos Torres et alii. *A libertação de Paris*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1944.
- GONÇALVES, Carlos Torres. *Pour la fraternité universelle: I – Orient et Occident (spécialement à propos des cas de la Corée et de la Chine); II – Paix, et non “apaisement”*. Rio de Janeiro: IPB, 1951.
- GONÇALVES, Carlos Torres. *La tension internationale: quelles sont les mesures principales à prendre par l’Occident pour diminuer cette tension?* Rio de Janeiro: IPB, 1954.

- GONÇALVES, Carlos Torres. *Le cas de Suez et le cas de Hongrie*. Rio de Janeiro: IPB, 1956.
- GONÇALVES, Carlos Torres. *Pour la fraternité: I: les satellites artificiels et l'ordre social sur la planète humaine; II – Le Maréchal Candido Mariano da Silva Rondon (le respect des peuplades indigènes de l'hinterland du Brésil)*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1957.
- GONÇALVES, Carlos Torres. *Caminhamos para a paz ocupando-nos da Terra*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1967.
- GONÇALVES, Carlos Torres; MENDONÇA, Geonísio Curvello de. *A paz estável (de princípios): a propósito do atual dilaceramento fratricida*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1943.
- LEAL, Elisabete da Costa; PEZAT, Paulo Ricardo. *Capela Positivista de Porto Alegre: acervo bibliográfico, documental e iconográfico*. Porto Alegre: Fumproarte; PPG-História da UFRGS, 1996.
- MENDES, Raymundo Teixeira. *I – Les enseignements d'Auguste Comte sur l'horrible déchirement fratricide qui victime à ce moment la République Occidentale*. Rio de Janeiro: Église Positiviste du Brésil, 1914.
- MENDES, Raymundo Teixeira. *XIII – Commémoration de la nouvelle victoire de l'humanité – le terme de la guerre de 1914-1918*. Rio de Janeiro: Église Positiviste du Brésil, 1918.
- MENDES, R. Teixeira. *Pela humanidade! XVI: as prescrições da moral e as aberrações do empirismo político; a sede da Liga das Nações; as anexações territoriais*. Rio de Janeiro: IPB, 1919.
- PEZAT, Paulo Ricardo. *Auguste Comte e os fetichistas: estudo sobre as relações entre a Igreja Positivista do Brasil, o Partido Republicano Rio-Grandense e a política indigenista na República Velha*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- PEZAT, Paulo Ricardo. *Carlos Torres Gonçalves, a família, a pátria e a humanidade: a recepção do positivismo por um filho espiritual de Auguste Comte e de Clotilde de Vaux no Brasil (1875-1974)*. 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.